

As perguntas que ficaram por fazer

por Leite Vasconcelos, da AIM, em Joanesburgo

UMA semana separou duas Conferências de Imprensa — uma em Maputo e a outra em Pretória. O assunto das duas foi o mesmo: o conteúdo dos documentos capturados na base dos bandidos armados na Gorongosa, que expõe um conjunto de graves violações ao Acordo de Nkomati por parte da África do Sul. Um mundo de diferenças separa as duas Conferências de Imprensa. Mas concentremo-nos apenas numa dessas diferenças. Em Maputo, a Conferência de Imprensa foi aberta a jornalistas de todo o Mundo, incluindo da África do Sul. Na saída do Hotel Rovuma estiveram, nomeadamente, Cliff Saunders e Ricardo Branco, da SABC, Gerald L'Ange, da «ARGUS» e José Caetano do «SAAN».

Em Pretória, só jornalistas sul-africanos puderam estar presentes. O correspondente da Agência de Informação de Moçambique (AIM), como os outros correspondentes estrangeiros, não foi convidado.

Ficaram, assim, por fazer as perguntas que o correspondente da (AIM) teria feito se estivesse na Conferência de Imprensa do General Constand Viljoen.

Na esperança de que, de algum modo, elas cheguem ao Chefe das Forças Armadas Sul-Africanas, eis algumas dessas perguntas:

● O General Viljoen afirmou que muitos dos factos referidos nos documentos eram verdadeiros. Quais são, especificamente, os falsos?

● O General Viljoen afirmou que uma parte do conteúdo dos documentos foi alterada ou forjada. Quais são as secções inautênticas dos documentos e como pode o General Viljoen provar a sua inautenticidade?

● Que conhecimento objectivo e que provas possui o General Viljoen para poder afirmar que os documentos foram alterados por especialistas de países do Leste? Em que ocasião afirmou publicamente qualquer membro do Governo moçambicano que o seu Governo estava disposto a negociar politicamente com os bandidos armados?

Se uma tal afirmação nunca foi feita e pelo contrário, o Governo moçambicano sempre manifestou a determinação de liquidar o banditismo armado, oferecendo apenas uma amnistia aos bandidos que se entregassem como é que o Governo sul-africano foi tão «ingénuo» que aceitasse envolver-se em acções que violam o Acordo de Nkomati, sem poder provar que o fazia, como disse o General Viljoen, com o «encorajamento» do Governo moçambicano?

O General Viljoen afirmou ter enviado para a Gorongosa um esquadrão de pára-quedistas para garantir a segurança da zona quando da viagem de Louis Nel. Tinha esse esquadrão instruções para entrar em combate com forças das FPLM, se estas entrassem na zona nessa altura? E como se enquadra o envio de forças de combate sul-africanas para o interior do território moçambicano na letra e no espírito do Acordo de Nkomati?

Muitas outras perguntas haveria a fazer. Mas o correspondente da AIM ficaria grato se o General Viljoen respondesse, cabalmente a estas. (AIM).